



PARTICIPAÇÃO

A história da humanidade tem sido a história das lutas constantes entre o homem e a Natureza, por um lado, e do homem contra o homem, por outro. Posta a questão nestes termos, necessariamente simples, logo uma questão se levanta: porquê o homem contra o homem se já problemas suficientes surgem da luta do homem para se afirmar como ser superior em contacto com a Natureza? Todos sabemos, porém, que a história não se faz com posições moralizantes e boas intenções, mas sim com factos concretos. «O homem é o lobo do homem», é verdade antiga, mas se tem encontrado amplo apoio na longa e dolorosa história da humanidade, tem sido também profundamente contestada por todos aqueles que ao longo dos séculos quiseram acreditar, apesar de tantas evidências em contrário, que dias virão em que essa sentença deixará de ter sentido.

E uma via possível para que esses dias se tornem próximos reduz-se fundamentalmente a uma posição perante a vida que mexe com tudo e todos: participar, não deixar que determinadas estruturas do poder o guardem só para si, afastando a população e centralizando todas as decisões. A história da humanidade tem sido a história de legiões e legiões de homens vítimas de grupos sucessivos de dominadores que, conquistado o poder, não o gozavam a preço algum e o guardavam avidamente das arremetidas daqueles que gostariam de o partilhar para melhor o utilizar. Também em Portugal a história tem sido como dado fundamental o domínio da imensa maioria por minorias que, à custa de antepassados mais ou menos ilustres, de traficâncias de poder, de golpes mais ou menos violentos, sempre conservaram bem firmes as rédeas do poder. De quando em vez algo se tem agitado e o povo parece ter acreditado a uma possível mudança. Mas sempre a situação voltou ao anteriormente estabelecido.

Hoje atravessamos uma nova e decisiva fase da história deste país. Já há quem diga que o poder caiu à rua, pretendendo com isto aterrorizar os que temem o governo das massas populares. Essas, porém, sabem que na verdade o poder não caiu à rua e sentem que muito há a fazer para o pôr ao serviço dos seus mais fundos interesses. É que o poder não se atinge com a leitura de jornais e o comentário mais ou menos esclarecido à mesa de café. Nas novas condições políticas é possível, como talvez nunca o tenha sido, desenvolver toda uma variedade de tarefas que conduzam, efectivamente, ao domínio dos centros de

decisão. E é por isso mesmo que a responsabilidade de cidadão que cabe a 6 milhões de portugueses aumentou extraordinariamente. E essa responsabilidade não pode ser afastada sob pena de com ela afastarmos juntamente a possibilidade de definirmos um país à medida de todos nós, dos nossos credos, dos nossos sonhos, da nossa esperança e certeza de um país melhor.

Muitas pessoas que neste momento estão à frente dos centros de decisão do país estão conscientes da necessidade imperiosa de ouvir a voz de todos, de facilitar o diálogo (tantas vezes difícil e ignorante é verdade, mas de quem a culpa?) interrompido durante tantos anos de monótono falar de damas de paço e de senhores de sabedoria oca. Até por isso é urgente o compromisso, a entrega a uma tarefa colectiva que só inteiramente assumida poderemos levar ao fim. E participar na vida do país é uma atitude que facilmente encontra oportunidade de se desenvolver. Hoje as organizações populares constituem efectivamente o que de mais significativo existe na vida pública do país. Muitas delas já com uma longa história mas agora com nova vida, com novas ânsias de fazer ouvir quem nelas participa. A todos os níveis é possível travar o combate da democracia, da participação popular: há os partidos políticos, os sindicatos, as associações de todo o género, os clubes, as autarquias locais, as organizações de bairro... Em qualquer destes locais é de luta o momento, para garantir o avanço do processo político. Quem fica de fora é inútil, se não pior. Citando um autor italiano: «Na sala havia 3 fascistas, 1 democrata e 28 indiferentes. 31 fascistas, portanto». Será uma afirmação um tanto cruel mas verdadeira, se atendermos a que o fascismo encontra o seu ambiente predilecto nas meias-tintas, nos encolheres de ombros, no horror ao comprometimento.

Só a participação garante a vitória. A participação de que é feita de pequenos actos, em si mesmos pouco importantes mas que inseridos no processo ganham nova importância. O desafio é posto a todos, igualmente. Todos os que têm ficado quietos já perderam muito tempo, já arriscaram muita coisa boa, já colocaram demasiado em perigo o sonho colectivo. É tempo de acordarem e participarem. Como, onde, quando quiserem. Voltarem as costas à rotina e apostar no trabalho conjunto por um amanhã diferente e melhor.

A. S.

APONTAMENTO

Foi já entregue ao Conselho de Estado, para estudo e aprovação, o texto final do projecto da Lei da Imprensa.

Num momento em que os mais diversos sectores se fazem eco de críticas e acusações ao pendor mais ou menos partidário deste ou daquele, quando não da generalidade, dos órgãos de informação, o decreto adquire uma actualidade incontestável. Aliás parece ser esta actualidade que justifica o cuidado, e consequente demora, que o Conselho de Estado pôs no exame do diploma: já aprovado na generalidade, a sua aprovação na especialidade promete arrastar-se por mais algum tempo.

De qualquer modo, importa não pensar que a simples entrada em vigor da lei irá resolver os problemas ou anular as tensões que se registam no interior e à volta dos órgãos partidários. A construção de uma imprensa nova, objectiva, capaz de sa-

tisfazer de um modo isento a crescente necessidade de informação e formação do português médio, está muito para além das possibilidades de um simples decreto que, no fundo, para além de consagrar as liberdades já consagradas neste sector, não faz mais que estabelecer as condições mínimas para a concretização dessa imprensa.

Restam todo um conjunto de conceitos a rever, toda uma mentalidade a modificar toda uma procura que é urgente fazer. Quarenta e oito anos de imprensa «apolítica» fascizaram-nos diariamente, leitores e homens da imprensa, e os dez meses de revolução que vivemos quase que só serviram para que descobrissemos o que não se deve fazer. E será nesta contradição, entre o que desejamos fazer e aquilo que fazemos, que nos apoiaremos para construir «o que faz falta»...

E. M.

Mesa Redonda
sobre o LIVRO POLÍTICO
COM REPRESENTANTES DOS PS - PCP - MES - MDP
na Quarta-feira, 12, às 21,30 horas na SEDE DA A.A.E.

SER ANTI...

Na semana transacta registámos num artigo intitulado «Aí vêm as eleições» a denúncia de um militante da LUAR sobre os processos antidemocráticos utilizados pelo Partido da Democracia Cristã na angariação de aderentes junto das classes trabalhadoras.

Não tanto por esta organização política nos merecer crédito ou confiança na actual conjuntura da vida nacional, mas sim porque nos parece oportuno tecer algumas considerações sobre afirmações proferidas pelo seu secretário-geral durante o Congresso efectuado na Figueira da Foz, voltamos de novo a fazer referência ao P.D.C.

Embora fosse com surpresa que tivemos conhecimento da nomeação do major Sanches Osório para o cargo de secretário-geral do P.D.C., o facto não deixa de ser natural se atentarmos em pequenas ocorrências e notícias vindas a lume nos últimos meses, ainda que revestidas de uma certa discreção.

A actuação do major Sanches Osório no 28 de Setembro, então fazendo parte do elenco governamental chefiado por António de Spínola, provocou a indignação das massas populares que estavam empenhadas em travar o passo à reacção, escondida sob o manto da chamada «maioria silenciosa». Embora não tivesse havido explicação concreta sobre os motivos que provocaram o afastamento de Sanches Osório do Governo Provisório e das Forças Armadas quer-nos parecer que o seu comprometimento com as forças organizativas daquela tenebrosa manifestação é um ponto a considerar.

Aparece-nos agora o major Osório a encabeçar os órgãos directivos dum partido que não defende os interesses dos trabalhadores, mas sim que preconiza

uma política contrária à vontade da maioria do Povo Português.

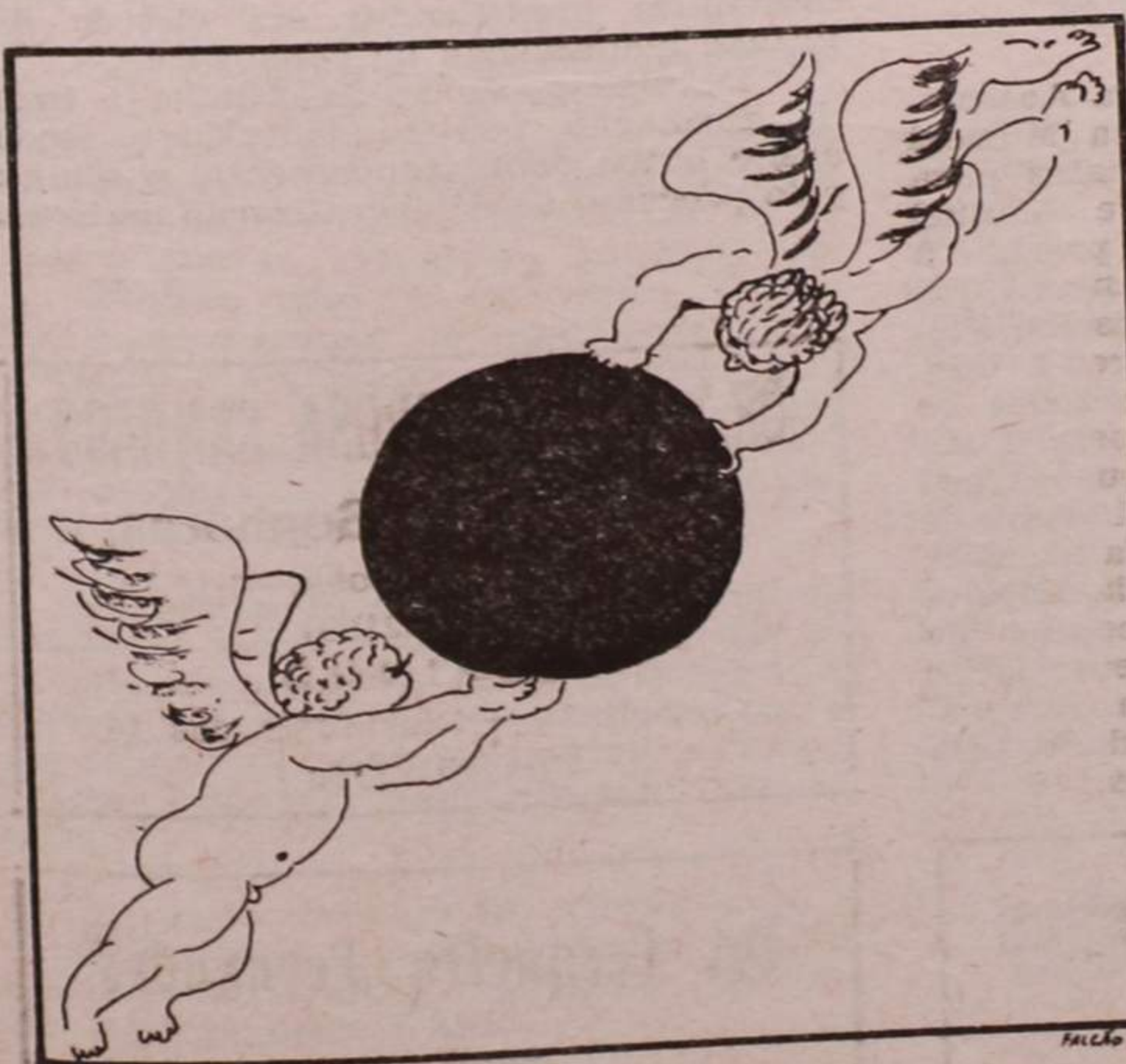
Se tomarmos em conta que o general Spínola seria um possível candidato à presidência em representação do Partido da Democracia Cristã — afirmação feita por um dos seus dirigentes quando da visita de Rafael Caldera ao nosso País a convite daquele Partido — é caso para perguntarmos: quem está efectivamente por detrás do P.D.C.? Não é muito difícil adivinhá-lo nem tão pouco adivinhar qual o tipo de sociedade que o P.D.C. nos pretende oferecer.

O P.D.C. não é «anti seja o que for». Nem sequer antifascista. Muito menos antimonopolista. Não preconiza as nacionalizações e expropriações que tão necessárias são para a evolução da democracia em Portugal. Não admite a luta de classes. Mas entende que a propriedade privada deve continuar a existir. Não nos parece pois que o Partido da Democracia Cristã nos traga algo de novo relativamente ao regime que durante tantos anos nos oprimiu.

Sanches Osório afirmou também que «não há direitas nem esquerdas em Portugal». Dificilmente podemos conter o sorriso por esta frase gratuita e demagógica. Será possível ser-se antitotalitário sem se ser antifascista, antimonopolista ou anti-imperialista? Se o P.D.C. não é anti seja o que for é porque é «pró-qualquer coisa». Resta definir o quê.

Lembramos que não é com a conciliação de classes que os trabalhadores alcançam o poder mas sim com a luta de classes. Para já, quer-nos parecer que o P.D.C. é anti-interesses da classe trabalhadora.

J. P.



OS
BONECOS
DO
FALCÃO

VIDAS

Nunca será demais insistir no carácter odioso de que se revestiu a política praticada por um governo que proclamava defender os interesses mais fundos da Pátria, mas que se ficava, afinal, pela defesa dos interesses bem concretos e distintos de um bando de exploradores sem consciência que nos submetiam a uma política de autêntico extermínio de tudo o que um povo apresentava como seus valores supremos cultura, humanismo, honra nacional, solidariedade, crença no futuro, etc.

Mas se a vários níveis-cultura, informação, participação na vida do País, por exemplo — o problema se punha igualmente à esmagadora maioria, já no que respeita ao acesso à riqueza as coisas se passavam de maneira diferente, havendo um certo número de graus entre os explorados que iam desde os que até nem eram muito atingidos — casos, além da alta burguesia, da média e de sectores da pequena burguesia — até aos que sentiam verdadeiramente na carne toda uma política de atentado contra os mais elementares direitos humanos.

Nesta ordem de ideias queremos hoje dedicar uma atenção especial a uma classe que foi, em todos os campos, uma das maiores vítimas do governo fascista. Uma classe que muito contribuiu para a riqueza nacional, trabalhando em difíceis condições e frequentemente, sofrendo fisicamente as consequências dessas condições, mas que, todavia, nunca viu reconhecido o seu direito a justiça social. Referimo-nos aos pescadores, durante tantos anos considerados como dos últimos degraus da sociedade e que ainda hoje sofrem por causa desse abandono assassino de tantos anos. Também entre eles se lutou contra a besta fascista, também junto deles encontramos histórias de resistência. Resistência activa, como a do Rei Bandalho, resistência passiva, como a de sua mãe, peixeira de muita idade, cuja vida tem sido uma luta constante contra os inimigos tradicionais — a fome, o frio, a doença, a exploração sob todas as formas — enviados directos e serviais fiéis do explorador. Portanto, se é certo que o 25 de Abril surgiu para todos os portugueses, parece ser correcto esperar que tenha surgido em primeiro lugar para os que mais dele precisavam, já que eram as maiores vítimas da situação anterior.

A conversa abaixo transcrita, gravada longos meses antes de 25 de Abril por um grupo de amigos que ocupava algum do seu tempo em contactos com os pescadores da zona de Espinho, publica-se como um testemunho de resistência, umas vezes consciente e voluntária, outras sem noção do que significava o simples acto de continuar, mas sempre afirmação do destino imparável do Homem em direcção a um mundo melhor.

— *Ele chamava-se Eurico de Oliveira Brando. Mas chamavam-lhe o Rei Bandalho. E sabe porquê? Quando ele era rapazinho eu vestia-lhe umas calças mas ele num instante ficava roto. Então as pessoas diziam: «Ó rapaz, ainda agora foste com as calças que a tua mãe te «arremendou» e já vens assim? Parece mesmo um rei bandalho. E «Rei Bandalho» ficou.*

Onde é que ele esteve preso?

— *No Porto. Do Porto foi para uma cadeia aí para baixo e depois para Paços de Ferreira. Aí é que ele acabou o tempo.*

Tudo isto porque houve uma revolução do peixe em Matosinhos. Nessa altura ele estava cá em casa doente. Mas lá os que andavam lá na revolução diziam «oh, se estivesse aqui o Rei Bandalho é que era pior. Se ele cá viesse é que fazia e acontecia». E como «eles» andavam à procura e acabaram por apanhar o nome dele e como ele não estava lá vieram aqui à procura.

Como nessa ocasião já estava melhor, tinha ido um bocadito até à loja. Foi quando aqueles dois sujeitos entraram. Estavam vestidos à paisana. Conversaram, conversaram, mas nunca «alumiaram» o que iam fazer. E as pessoas que estavam na loja começavam a ficar desconfiadas com os tais sujeitos: quem será, quem não será... Até que eles se viraram para o Eurico e disseram: o senhor é que é o Eurico de O. Brandão? E ele disse: «Sou sim» — o senhor faz favor de nos acompanhar». Mas o meu filho não queria ir. Só quando o homem lhe mostrou a gola do casaco é que o meu filho disse: «Estou pronto». Meteram-no no carro e apalparam-no todo.

Ele foi preso e já se sabe a gente chorámos muito. O pai foi à procura dele, mas durante oito dias ninguém deu relação dele. Mas esteve pouco tempo no Porto e dali foi para uma cadeia muito longe. A mulher e eu fomos lá a pé, horas e horas, até darmos com ela. Dali foi responder ao Porto e passados meses veio livre. Depois disso ele não foi mais para Matosinhos e então arranhou trabalho aqui numa fábrica. Mas faz agora 4 anos, durante um temporal muito grande, morreu atingido com uma foice. Aí senhor, eu tive muita pena dele mas até foi melhor assim porque ele era um «desinfeliz». Não tinha mesmo sorte nenhuma.

Falámos depois com outra mulher que se encontrava a ouvir a conversa:

— *Eu estou com dez pessoas num quarto, nós os dois e os oito filhos. Estão a dormir meninas com meninos, aonde a gente não tem para os deitar.*

E retrete?

— *Não há, é um latãozinho que serve para isso. A gente nem que queira fazer um casotinho são logo 320\$00 de multa. Esta é uma miséria como não se vê em parte nenhuma. O Governador de Aveiro foi ali a cima ver uma casa que fizeram para uma Banda e também lhe falaram nisto, mas não deu ordens nenhuma. Disse que isto era uma praia muito boa para banhistas. O que é havia umas barracas que não haviam de existir.*

E como se lavam?

— *É na bacia da roupa. Também dá para lavar as crianças e a gente.*

E dinheiro?

— *O meu «home» ganha 100\$00 e ainda desconta. Para manter dez pessoas veja bem.*

Vemos bem. Sobretudo o que é preciso fazer para ultrapassar rapidamente situações como esta e tantas mais, semelhantes, que encontramos sem precisar de muito procurar.

A. S.

FÁBRICA PROGRESSO

Manuel Francisco da Silva & C.a L.da

Esmaltagem — Alumínio — Fundição

Serralharia mecânica e civil

Louças esmaltadas e de alumínio — fogões a gaz

Banheiras esmaltadas — Placas esmaltadas

Cofres — Ferros de engomar

Exportação para o Ultramar

Tele { gramas: FÁBRICA PROGRESSO
P. P. C. 92 00 27 e 92 02 57 — ESPINHO

A "Defesa" precisa de mais assinantes

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

REDACÇÃO

ALEXANDRE FALCAO
CARLOS GAIO
FAUSTO NEVES
JOSE JOAO MAIA
JOSE PINTO
NUNO BARBOSA
VITOR SOUSA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE
PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Composição e Impressão

OFICINAS GRÁFICAS DA
CASA NUN'ALVARES

Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

ESCLARECIMENTO

O signatário, em referência a um apócrifo comunicado que o secretariado da secção concelhia do Partido Socialista, de Espinho, fez distribuir na noite de 29 do passado mês, esclarece:

1.º — que se viu forçado a referir a sua posição com o Partido Socialista — a nível local — depois de alguém haver afirmado, público e raso, que ele signatário, «havia sido corrido» (sic) do referido partido;

2.º — que, ao aludir ao seu pedido de desvinculação do partido, nem ao de leve tocou em qualquer entidade ou serviço do mesmo, do que podem dar testemunho 4 ou 5 dezenas de professores presentes na reunião;

3.º — que em consequência da matéria precedente, o comunicado improcedente, expressando, apenas, aleivosia e propósitos de visível comprometimento e mancomunação;

4.º — que a «falta de princípios democráticos» bem como a «manobra reaccionária, etc., etc., que lhe são imputadas, farão sorrir de espanto o mais desprevenido observador pela leviandade e despudor de tal asserto e desconchavo, segundo crê;

5.º — que, devolvendo à procedência toda a inverdade, má-fé e demagogia do famigerado comunicado põe termo — hic et nunc — a tamanho imbróglio.

MANUEL RODRIGUES BIGAIL

TUNA DE ANTA

Data de 1924 a fundação da Associação Cultural e Recreativa Tuna Musical de Anta. Os seus Corpos Gerentes para o ano corrente têm o Padre Manuel Agostinho Pereira de Moura a presidir à Assembleia Geral, António Ventura Ribeiro de Matos à frente do Conselho Fiscal e Benjamim da Rocha Soares a liderar a Direcção Geral. Estes e todos os restantes novos responsáveis pela Tuna de Anta tomarão posse dos seus cargos numa Assembleia Geral que vai reunir-se pelas 21,30 horas do próximo dia 22. Este acto de posse será precedido da leitura, discussão e aprovação das contas do exercício de 73/74, sendo de prever larga comparação de associados, em demonstração do seu interesse e cuidado pelo agrupamento a que estão ligados.

J. M.

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

Dr. Cerqueira Fernandes

Solicitador

Rua 26 n.º 335 (ângulo da Rua 11)
Telef. 921423 — ESPINHO

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

É PENA...

Continua aberta a Feira do Livro. O volume de vendas continua a ser, felizmente, elevado. Felizmente, porque significa que as pessoas vão-se consciencializando do valor cultural do livro. Felizmente, porque assim, a Secção Cultural da AAE se vê, economicamente mais apoiada.

Paralelamente à Feira, têm os organizadores levado a efeito colóquios sobre vários temas, na Sede da AAE. E aqui chegamos ao ponto quente: estava programado para a passada segunda-feira, dia 3, um colóquio sobre «Romance» com o escritor Papiniano Carlos. ESTAVA planeado, mas não se realizou, efectivamente. Porquê? (poder-se-á perguntar). Porque Papiniano Carlos não veio? Não. Ele veio. O PÚBLICO É QUE NÃO APARECEU!!! Ou melhor, além das pessoas ligadas à organização, estava 1 (um) assistente! Ou seja: numa terra que usa o nome de cidade, que tem para cima de vinte mil habitantes só uma pessoa se interessa por Literatura? Não, sabemos que isto não é verdade. O que parece haver, AINDA, é um comodismo abúlico que já vai sendo tempo de desaparecer. Até porque oportunidades destas não andam por aí aos pontapés...

N. B.

SUBSÍDIO À CÂMARA

O Ministério da Justiça, por insistência da Comissão Administrativa da Câmara, e por despacho do respectivo Secretário de Estado, concedeu à Câmara Municipal de Espinho um subsídio no quantitativo de Esc. 581 214\$00 para a instalação do Tribunal. Esta verba destina-se a, conforme oportunamente havia sido prometido, cobrir as despesas que o corpo administrativo concelhio dispendeu no momento da criação da Câmara para que o Tribunal pudesse funcionar em boas condições enquanto não se erigir edifício próprio.

PROMOÇÃO MILITAR

Acaba de ser promovido de major a tenente-coronel o nosso amigo e colaborador João Orvalho, a quem apresentamos as nossas felicitações e desejamos os melhores sucessos futuros.

PARA PÉS FOLGAZÕES

Os pés folgazões vão ter muito onde dar aos ditos. Além dos bailes carnavalescos puramente comerciais, haverá os promovidos pelos dois principais clubes desportivos espinhenses. A Académica, na Piscina, fará o baile da noite de segunda-feira. O Sporting, no Casino, fará três bailes: na noite de hoje, na tarde de amanhã e na noite de segunda-feira. O Sporting realiza também uma tarde infantil na terça-feira de Entrudo com variedades e baile.

FERROVIÁRIOS REFORMADOS ORGANIZAM-SE

No salão do Grémio do Comércio reuniram-se há dias alguns reformados da C. P. para debater os seus problemas e deliberar sobre a formação do Núcleo de Espinho dos Ferroviários Reformados, que deverá funcionar em estreita conjugação com uma central existente em Lisboa junto da União dos Sindicatos dos Ferroviários. Depois de uma larga abordagem das questões que os afectam, os ferroviários reformados elegeram o grupo gestor do Núcleo, que será constituído pelo Inspector António de Oliveira e pelos Chefes de Estação de 1.ª classe Jerónimo da Cruz e António do Espírito Santo.

COMARCA DE ESPINHO

Anúncio

Pelo Juiz de Direito desta comarca, na acção ordinária de divórcio litigioso, pendente na Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca, movida pela autora Irene de Oliveira Martins, casada, doméstica, moradora no lugar do Souto, freguesia de Anta, desta comarca, contra o réu Miguel Coelho Gonçalves, operário, ausente em parte incerta de França e que teve a sua última residência conhecida na Rua 2, n.º 1385, desta cidade de Espinho, é este réu citado para contestar a referida acção e o pedido de Assistência Judiciária requerido pela autora, apresentando a sua defesa no prazo de 20 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, em cuja acção a autora pede que seja decretado o divórcio entre ela e o réu, com todas as consequências legais.

Espinho, 22 de Janeiro de 1975.

O Juiz de Direito,

Emídio Teixeira

O escrivão,

José Pinto de Magalhães Júnior

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

CONCERTO-COLÓQUIO

Patrocinado pela Pró-Arte, realizou-se no passado dia 30 um recital-colóquio na Sala Auditório da Academia de Música pela pianista e pedagoga Angeles Presutto da Gama. A excelente artista comentou e executou a «Apassionata» de Beethoven, «Feux d'artifices» e «La cathédral engloutie» de Debussy e «Allegro de Concerto» de Saint-Saens.

A sala esteve repleta, sendo a maioria do público constituída por alunos da Academia. O diálogo que se pretendia entre intérprete-assistência não se pode considerar perfeito o que é natural, dado as raras oportunidades que houve até agora de realizar colóquios como este.

Quer a explicação que Presutto da Gama deu ao público sobre todas as obras e perguntas feitas, quer a execução das mesmas, num programa curto, mas bastante bem escolhido, foram excelentes.

De lamentar apenas a pouca ou nenhuma publicidade dada ao acontecimento no meio espinhense, o que se desculpa perfeitamente, considerando escasso tempo em que este colóquio se organizou.

Foi uma iniciativa a todos os títulos louvável, ficando todos aqueles que estiveram na assistência à espera de mais colóquios idênticos (mas desta vez, melhor divulgados).

Ficou demonstrado assim que a realização de espectáculos deste tipo é uma das melhores maneiras de difundir a música por todos aqueles que se interessam por ela, querendo melhorar os seus conhecimentos sobre a mesma. (Se é que os possuem...)

F. N.

NOTA

No passado número, o artigo intitulado «Nós os Emigrantes» foi «atacado» de gralha tipográfica já que se deveria ler «Nós e os Emigrantes». Rectifica-se este lapso, salientando-se que o articulista nunca emigrou...

DO HOSPITAL

Movimento de 28-1-75 a 4-2-75

Internamentos Gerais	55
Exames Radiográficos	242
Crianças Nascidas	33

Intervenções Cirúrgicas

Urologia	1
Ortopedia	3
Oftalmologia	1
Cirurgia Geral	10
Otorrino	5

Serviço de Urgência

Homens	202
Mulheres	197

Internados entre outros

Maria José Vieira Pereira da Silva, Espinho, para Obstetrícia;
Maurícia Gomes, Espinho para Oftalmologia;
Maria de Lurdes da Silva Branco Lourosa, de Cortegaça para Obstetrícia;
Maria Emília Gomes da Rocha, de Silvalde, para Obstetrícia;
Deolinda Carmo da Rocha, de Grijó, para Obstetrícia.

Menina

Toma conta de crianças

Falar na Avenida 24 n.º 245 - 2.º

ESPINHO

VENDE-SE

Furgoneta-Chevrolet
bom estado 8 lugares

Telefone n.º 922200 informa
Ferreira da Silva

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

3.º TURNO

Hoje, sábado — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 — Telefone, 920250;
Amanhã, domingo — FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19, n.º 393 — Telef. 920320;
Segunda-feira — GRANDE FARMÁCIA, Rua 62, n.º 457 — Telef. 920092;
Terça-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19, n.º 46 — Telefone, 920352;
Quarta-feira — FARMÁCIA SANTOS, Rua 19, n.º 263 — Telef. 920331;
Quinta-feira — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 — Telef. 920250;
Sexta-feira — FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19, n.º 393 — Telefone, 920320.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 8 — SINISTRA RE-CORDAÇÃO, com Robert Walker e Carol Opmart — 18 anos.

Amanhã, domingo, 9 — O AMOR FAZ-ME FOME, com Annie Girardot e Philippe Noiret — 18 anos.

Terça-feira, 11 — SIMPLESMEN-TE... GAROTAS!, com Sidney James e Barbara Windsor — 18 anos.

Quinta-feira, 13 — LOLITA, com James Mason e Shelley Winters — 18 anos.

Sexta-feira, 14 — TEQUILA, com Anthony Stephen e Roberto Camardiel — 13 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 8 — PIPI NOS MARES DO SUL, com Inger Nilsson e Maria Persson — 4 anos.

Amanhã, domingo, 9, e Segunda-feira, 10 — CERIMÓNIA SOLENE, com Kenzo Kawarazaki e Atsuko Karo — 18 anos.

Terça-feira, 11 — PERDIDO POR CEM..., com Ana Maria Lucas e José Cunha — 18 anos.

Quarta-feira, 12 — O GATO DAS SETE VIDAS, com James Francisco e Karl Malden — 18 anos.

Sexta-feira, 14 — OS PECADOS INCONFESSÁVEIS DE UMA SENHORA DE BEM, com Anna Moffo e Gianni Macchia — 18 anos.

FALECIMENTOS

Na semana finda, faleceu em Lisboa, o sr. Alberto Fortuna. O extinto era pai da sra. D. Maria Josefina Lima Fortuna de Moraes, casada com o sr. José Camilo de Moraes Tavares, avô de Maria Margarida e de José Agostinho Fortuna Moraes Tavares.

O funeral veio de Lisboa para Espinho, onde na Igreja Matriz desta cidade se realizaram os responsos seguindo daí para o cemitério local.

A família enlutada endereçamos as nossas sentidas condolências.

NASCIMENTOS

EM ESPINHO:

Pedro Daniel, filho de José Fernando Ramos Resende e de Aida da Conceição Ferreira Santos Augusto Resende;

João Paulo, filho de Joaquim Alves Pinto e de Laura Moraes da Silva Alves Pinto;

Ana Marta, filha de Henrique Vieira da Silva e de Maria José Vieira Pereira da Silva;

Sandra Cristina, filha de Luis da Costa Freitas e de Maria Teresa Concelção Almeida Freitas.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

AUTOMÓVEL ROUBADO

No passado dia 4, na Granja, foi encontrado por uma brigada da G.N.R. que passava no local o automóvel IH-83-78, que ali fora abandonado e estava bastante danificado. O veículo pertencia a Cândido Augusto Lima, residente na Rua França Júnior, 167, em Matosinhos, que no último dia de Janeiro apresentara queixa na Secção da P.S.P. em Espinho de lho terem furtado do seu estacionamento na Rua 19, frente ao Grande Hotel.

GESTÃO ESCOLAR

De harmonia com as novas formas de vida escolar, realizou-se na Escola Sá Couto a eleição da Comissão Directiva, obtendo a maioria dos sufrágios: António Manuel Simões Coutinho, Francisco Manuel Couto Azevedo Brandão, José Cândido da Fonseca Colto Graça, Maria Filomena Pacheco de Castro Machado e Maria Isabel de Oliveira Ramos Ferreira Guedes, pelos professores; José de Oliveira Azevedo, pelos funcionários administrativos; Maria Amélia da Rocha Malleiro, pelos funcionários auxiliares; e Joaquim Pereira Fernandes Almeida, Manuel da Cunha Maia e Alberto da Concelção Vieira, pelos alunos.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

António Pinto Correia de Matos, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público que esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária de 1 do corrente mês, deliberou abrir concurso para entrega de propostas nos termos das condições existentes na Secretaria Municipal e que se encontram patentes aos interessados todos os dias úteis, dentro das horas normais de expediente, para ocupação e exploração do Pavilhão Municipal n.º 5 sito na Avenida 8, desta cidade, no período de 1 de Junho de 1975 a 31 de Maio de 1978, com a base de licitação de 4 000\$00.

As propostas terão de ser entregues até às 17 horas e 30 minutos do dia 24 do corrente mês, em envelope fechado e lacrado com a indicação do concurso a que se destina, sendo aberta na primeira reunião ordinária desta Câmara que se seguir.

E, para constar, se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicado no Jornal «Defesa de Espinho».

Espinho e Paços do Concelho, 3 de Fevereiro de 1975.

O Presidente da Comissão Administrativa,

Pinto de Matos

Eu ouvi dizer que...

Nos últimos meses após o 25 de Abril, a taxa de natalidade tem aumentado assustadoramente. A razão mais plausível é, por certo, o tipo de filmes que alguns distribuidores têm trazido até nós!

★

O Pároco de Outeiro do Meio substituiu a habitual oferta natalícia de «santinhos» por emblemas de um «club» que os paroquianos denominam, na sua santa ingenuidade, de «Bola ao Centro».

★

A grave crise de desemprego que afectou os ex-filiados no ex-Partido do Progresso, no ex-Partido Liberal, e no ex-Partido Nacionalista Português, está em vias de solução: de facto, agora, já têm dois por onde escolher!
Quem dá mais?

★

Um conhecido Partido das Direitas, que mantém alguns quadros na «clandestinidade» (à cause des mouches!), conseguiu, por intermédio destes, uma grande vitória: todo o Conselho de Administração duma importante empresa da nossa praça, entrou em greve!
Cada qual faz pão com a farinha que tem!

★

Um democrata cristão inglês, ao sobrevoar o Porto, no passado fim de semana, a caminho das Américas, e vendo grossos rolos de fumo negro, imediatamente enviou uma comunicação para o seu jornal, que saiu sob o seguinte título: «OS CONGRESSISTAS AINDA ARDEM!!! É ISTO DEMOCRACIA???»

★

O «Depoimento» do «Tacha-Arreganhada» tem sido um «best-seller» em todos os W. C. públicos de Porto e Lisboa. Em Espinho, onde as coisas chegam mais tarde, continua a dar bons resultados o «Mein Kampf» do Adolfo.

★

A Comissão Organizadora do Carnaval do Rio de Janeiro recusou a inscrição, no «Curso de Domingo Gordo, de um indivíduo de certa idade e careca, vestido de marinheiro. Ao ver recusada a sua pretensão, tal personagem teria afirmado: «É a 83.ª vez que venho a esta bonita terra e nunca fui assim recebido pelo bom Povo de Tóquio!»

★

Há certas fábricas da região que ainda têm, nas paredes dos seus blocos Administrativos, placas comemorativas das inaugurações bem comidas e bebidas de antanho, feitas por «Sua Excelência» e pelo «Venerando». Com a falta de entulho que por aí anda, é de estranhar. Ou serão saudades?

★

As trocas comerciais entre Portugal e o Chile intensificam-se: no navio de transporte de gado «Muuuuú! III» seguiram para Santiago 200 reses da conhecida ganaderia de Caxias (ex-A. M. Cardoso). O pedido de remessa foi feito por um tal Pinochet.

EU

A "Defesa" precisa de assinantes Fale ao seu amigo

José Luís F. Barbosa
MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações
Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Dr. José Manuel Gomes de Almolda

Clínica Médica e Cirúrgica
Rua 19, 364-1.º — ESPINHO
Consultas marcadas pelo tel. 921218

BAILES DE CARNAVAL NO SALÃO NOBRE DO

GRANDE CASINO DE ESPINHO

Hoje à noite e amanhã à tarde com TONY SAMPAIO
Na 2.ª-feira, 10/2/1975 — 22 horas

Conjuntos

**PLAY BOY'S (Espanhol)
e RITMO 4**

MATINEE INFANTIL

Na

3.ª-FEIRA 11/2/75 — 15,30 HORAS

Marcações CASA ROMEU — Telef. 921433

ORG. DA SECÇÃO DE VOLEIBOL DO S. C. E.

FIM DE SEMANA • 89

Acontece por vezes que, mesmo em dias de adorável sol, sopram tempestuosos ventos contrários, que tudo rodopiam, tudo desordenam e nos desorientam.

Pois desses ventos chegaram até este nosso quintal à beira mar plantado nos últimos dias.

Ventos que perturbam uma primavera democrática, que não vêm de encontros de cristas de pressões, mas de uma inegável ambição de homens pretenderem firmar posições partidárias políticas ainda que dando por pretexto desse desencadear de lutas factos de momento.

O choque já latente há tempos, eclodiu o pretextado da unicidade sindical. Porque, cá para nós, não foi o problema da melhor defesa dos trabalhadores (que somos todos nós) que fez os galos bulhar tanto nos poleiros, mas sim quererem ver triunfar uns um ponto de vista e outros outro para prestígio próprio, esquecendo a elementar regra democrática da vontade da maioria.

Se a maioria, que se manifestou, foi obra de manipulação, se foi astúcia de uns que viu outros adormecidos com lutas internas, não temos conhecimentos para discutir. Mas que foi maioria, foi.

Podem massas operárias ter-se manifestado pró-unicidade por má informação ou indiferença; mas cabia aos defensores de posições opostas estar atentos e ter esclarecido as massas trabalhadoras sobre o problema, tê-las interessado na sua discussão.

Quando verificaram que o princípio da unicidade estava em vias de triunfar com prestígio de um ou dois partidos que por ele se batiam, foi a ventania que se viu.

E foram às últimas. Ameaças de abandono da coligação governamental (esquecidos de que o poder político, até ver, está nas mãos do M. F. A.) — atitude de sabor de pressão a que podia dar-se um nome feio; viu-se um ministro perder a cabeça e vir com artigos jornalísticos e outras manifestações públicas fazer acusações graves a outro ministro — que por acaso, sendo do M. F. A., era apolítico — sustentando interpretações da lei que um jurista não deveria fazer, atirar pedras ao telhado do vizinho que por acaso não tinha telhas de vidro, enquanto quem as lançou as tinha; vimos partidos sustentarem com dignidade e coerência de princípios posições antiunicidade consentâneas com a sua doutrina, sem atingirem nem ataquem pessoas, mas apenas pondo à discussão ideias, enquanto outros, negando a unicidade nos termos em que o fizeram, contrariavam as suas apregoadas posições doutrinárias de defesa da classe trabalhadora, que preconizavam, etc., etc., etc.

Em resumo, um espectáculo nada dignificante.

Mas vimos mais. Vimos, com esse pretexto agitar a opinião pública tentar lançar as suas massas contra o M. F. A. e desacreditar entre o M. F. A. outros partidos; não viram (ou, se calhar viram mesmo) que podiam criar divisões no seio do M. F. A., se sólidos laços o não sustentassem.

Vimos até do futebol fazer política externa. Vimos um Benfica ofendidíssimo por lhe requisitarem a herdade para um

encontro internacional ao nível de selecções nacionais, vimos criar-se à volta disso tal ambiente que houve que apresentar mil desculpas aos visitantes e dizer-lhes que não podiam vir porque somos tudo menos hospitaleiros, apesar de apregoarmos a necessidade do turismo. Vimos um Sporting e um Porto solidarizarem-se com o parceiro.

Vimos um partido que podia ser válido e desempenhar papel preponderante na cena política futura do país desagregar-se em questões de princípios e desunir-se.

Vimos perder-se, ao nível de partidos políticos, mais tempo a discutir do que a trabalhar.

Vimos os partidos quererem, em grupinhos promover manifestações de apoio ao M. F. A. no 31 de Janeiro, isoladamente, como se cada grupinho é que fosse o verdadeiro seguidor e adepto do MFA, enquanto anteriormente faziam essas manifestações de mãos dadas. Tudo ao ponto de o MFA lhes fazer sentir (e muito justa e acertadamente) que lhes estava muito agradecido pelas atenções, mas dispensava a canseira.

Vimos as tristes cenas que impediram o congresso do CDS; vimos o CDS habilmente tirar partido do bloqueio, com argumentos inteligentes e legais; e, se extremas se vangloriaram de vitória, o CDS ganhou a popularidade de vítima, especialmente ao nível internacional, onde tais incidentes muito afectaram a confiança que os outros países em nós estavam a querer depôr.

Mas como nasceram esses incidentes? Seriam mesmo as extremas que os moveram ou deixaram-se mover inconscientemente?

E por aí fora.

Porque todo o espectáculo político a que assistimos só favorece o sucessivo fraccionamento das esquerdas, a formação de novos movimentos sem significado, mas que quebram a unidade, o fortalecimento das direitas que inteligentemente aproveitam a estrada aberta («nós não vos dizíamos? Eles são assim mesmo; nós é que tínhamos razão...»); vimos reaparecer partidos de direita antes adormecidos e que começam a ver propício o campo à sua investida, etc.

Mas estes sujeitos estarão no seu juízo perfeito? Se lutam por uma democracia, que ainda não têm, apostam-se em matá-la antes de ela nascer?

E tempo de terem juízo se querem que o 25 de Abril seja o que prometeu ser, a liberdade e a democratização do país, se querem que o MFA seja apenas o director e árbitro do processo. Porque se assim continuam, bem o MFA terá de tomar posições, e depois não se queixem, nem lhe chamem nomes; terá feito apenas mais uma vez aquilo que já fez — tomar as medidas necessárias ao progresso do país.

VASCO LUIS

ERRATA — No último «Fim de Semana» onde, a propósito das qualidades a exigir aos jurados, se lê *identidade* deve ler-se *IDONEIDADE*.

TÉCNICO DE CONTAS

(Chefe de Contabilidade)

Devidamente identificado com todas as leis Fiscais e de Trabalho
Inscrito na D. G. C. I.

ACEITA SITUAÇÃO COMPATÍVEL
Resposta ao n.º 73

Alcatifas, carpetes, tapetes nacionais e estrangeiros Tapetes para automóveis

AQUILES PINTO LOUREIRO

Rua 22 n.º 1190-1192 — Telef.: Fab. 922171 — Resid. 921556
ESPINHO



RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE

* * * *

GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO.PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 2 7 3 9 3

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as e DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

AINDA URBANISMO...

Há dois números atrás, abordámos já o problema do urbanismo em Espinho. A propósito do mesmo assunto, transcrevemos respeitosamente alguns trechos do livro «*Alguns aspectos do Problema Habitacional*» de António Lobão Vital, livro esse que consideramos de bastante interesse para o assunto por nós focado.

«Só através da transformação das actuais estruturas sociais se poderá proceder à ordenação das mais urgentes necessidades do Homem e analisar a maneira geral como lhe vão correspondendo as soluções habitacionais. E, pela análise das necessidades actuais, que será possível formular em termos claros e autênticos o problema da habitação no nosso tempo.

Há a considerar dois aspectos distintos, no estudo do problema habitacional. O primeiro refere-se fundamentalmente, às condições do próprio alojamento, na medida em que deve corresponder às necessidades e aspirações dos seus utilizadores. O segundo, consiste, na integração do alojamento no «habitat», tomando como base as relações do Homem com o meio em que vive. Para já, torna-se necessário e urgente um amplo diálogo entre os construtores e os utilizadores das casas, no sentido de definir com precisão as necessidades e aspirações do Homem do nosso tempo. Compete ao arquitecto, ao engenheiro, e ao urbanismo satisfazer através de soluções válidas, essas aspirações e necessidades, pelo que respeita ao «habitat». Para isso, há que tomar contacto, directo e real, com a vida quotidiana das mais vastas camadas da população, procurando sentir como seus os problemas dos outros. Para que os planos traduzam essas aspirações e essas necessidades, devem ser realizadas por equipas compostas de vários especialistas que convivem com os locatários dos bairros insalubres que conhecem os movimentos familiares e estejam em contacto com as cooperativas de construção, com os sindicatos e com as organizações da juventude.



DA REVISTA "ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI"

É preciso adaptar a casa ao Homem e não o inverso. «Não é criando formas novas que se estabelecerão relações mais verdadeiras, mais justas entre os homens; a vida aberrante nas cidades modernas tem causas sociais mais profundas do que a forma das construções» (Claude Schnaidt).

Esta no entanto, não deve contribuir para agravar as más condições actuais, procurando, pelo contrário melhorá-las tanto quanto possível.

Assim, o alojamento no mundo moderno deve actuar directamente de repouso e bem-estar.

Eis porque, em diversos inquéritos, os utilizadores das casas se referem em primeiro lugar ao isolamento acústico a que já fizemos referência. Há que tomar consciência de que deverão ser utilizadas técnicas novas, para servir o Homem, indo de encontro às suas mais prementes necessidades e às suas aspirações.

A vida quotidiana dos diversos aglomerados familiares exprime, antes do

mais, a natureza do sistema económico actual. Com efeito, a vida quotidiana de uma família está dependente intimamente das suas condições materiais de vida, do grupo socio-económico a que pertence do meio onde exerce a sua profissão, do desenvolvimento industrial do País onde habita e das estruturas socio-políticas deste.

Cada grupo de homens tem uma vida quotidiana própria. Para uns o dia a dia, significa alojamento-oficina, oficina-alojamento. Para outros, mais abaixo na escala social, que vivem à margem da sociedade, constituindo uma espécie de subproletariado, a vida quotidiana desenvolve-se num permanente sobressalto na busca constante de um trabalho incerto, fazendo lembrar um Gino, um Dom Tótó, um Zu Andrea, cujas vidas verdadeiras ficaram para sempre nas memórias dos que leram «*Inquérito em Palermo*», do sociólogo Danilo Dolci. Para estes, os próprios dias de sol têm a cor cinzenta. Aqui bem perto, como já dissemos, exis-

tem também muitos Ginos, muitos Zu Andreas, a calcuriarem as ruas do Barredo, de Miragaia, da Sé, aventurando-se até ao centro da cidade, na esperança, todos os dias renovada, de encontrarem um emprego de horas, que sempre dá para um pouco de comida. Na rua não convém vê-los, mas, nas estreitas dos filmes onde «eles» estão — O Tecto — Ladrão de Bicicletas, — etc., os cinemas enchem-se e a crítica fala de neo-realismo, de contestação, de Arte, conforme a ideologia do crítico.

Vida ao acaso, sem pequeno almoço, sem distração sem férias.

Vejamos outra face da realidade:

Vida quotidiana, programada. Refeições sempre à mesma hora, dias de recepção, convívio, repouso, lazeres, férias.

Assim Henry Lefebvre pode dizer: «a vida quotidiana constitui um sector mal desenvolvido e simultaneamente superorganizado — ou seja, ao mesmo tempo, atrasado e posto a saque — desta sociedade.»

Reflexões sobre uma assembleia geral

Defendo o mais completo apartidarismo político dentro das colectividades desportivas. Quem vai para lá, com especial incidência na parte dirigente deve ser norteado, única e exclusivamente, pelo espírito de servir as colectividades, para a consecução das tarefas sócio-culturais e sócio-desportivas, as quais são o âmago da sua existência. É altamente condenável servirem-se, com sofisma, das colectividades, como meio para atingir certos e determinados fins. Fins esses que não cabem na idiossincrasia de agremiações daquela índole. Desporto e política não se casam bem, pois são inmisturáveis. No desporto, pugna-se, cada vez mais, pela supressão da ideia de luta. Desporto pressupõe confraternização integral, com a existência de comparsas e não de adversários, eliminando-se aprioristicamente discrepâncias racionais, religiosas, políticas e sociais. Isso tudo é marginado, ignorado, possibilitando uma coexistência amigável e pacífica, festiva mesma. Coisas estas inconcebíveis, impraticáveis, impossíveis, sob a óptica dos partidarismos políticos. O desporto é, medularmente, democrático, no mais puro, profundo e verdadeiro, que a democracia encerra.

Pois, no acto eleitoral dos corpos gerentes da AAE, para 75, apresentaram-se duas listas a sufrágio. Facto inédito, ou inacontecível, há longuíssimos anos. As «vozes», e nos bastidores, assinalavam, que, qualquer das listas, vinha marcada, com nitidez, por uma facção política. E mais, que só surgiram precisamente as duas, no intuito duma «luta» partidária pelo «poder» na AAE, «terreno» ideal para uma «sementeira» política.

Verdade, mentira? Seríamos néscios, inocentes, parvos, se acalentássemos a tola estultícia de apurar a verdade, neste momento de vincada «guerrilha» política, com as regras da democracia a ser «agredidas» a esmo, pois há determinados objectivos e alvos a atingir, portanto tudo é possível e ninguém, nem mesmo em «santo nome da sã democracia», é capaz de, com abertura, franqueza, lealdade, confessar a realidade inofensível das intenções, atitudes e actos. Pois sim...

Por conseguinte o momento eleitoral da AAE foi vincado pelo ineditismo do

surgimento de duas listas. Isso, por desabitual forçou a rodear a eleição do maior cuidado, cingindo-a a quanto está estatuído, de molde a evitar-se, à posteriori, reacções imprevisíveis de quem viesse a ser vencido. E, então, conclui-se, com surpresa, que antigamente as eleições decorriam quicá um tanto «ad hoc», pois, surgindo apenas e sempre a lista única, havia que «agarrar» os «sacrificados», dando-lhes logo confiança e facilidades por forma a não se arrependem — que arranjar outros era difícil —, não cuidando ninguém de saber até se os estatutos se cumpriam na íntegra.

De resto, se a ocasião é de repensar as coisas com a firme disposição de corrigir erros «velhos e novos», depara-se como natural, lógico, obrigatório, que se esmiucem todos os aspectos e se passe a agir dentro das regras da legabilidade.

Curiosamente, houve quem achasse estranho e apelidasse, também, de lesativo para o Clube esse tipo de actuação que, como se previu, provocaria um adiamento da eleição por breves dias. No entanto, parecia que a preocupação dominante era decidir logo ali, de qualquer jeito, quem ocuparia o «poder». Todavia, ao invés, quando se tentavam plataformas de solução, inclusive ao ponto de se sugerir uma lista de coligação, posto que segundo se pressupunha, todos os candidatos eram, única e exclusivamente, movidos pelo desejo sincero de servir o seu clube, o seu «partido» na circunstância, veio a maior irredutibilidade na admissão da ideia, repudiada pela maioria. Nem parecia que, ali, naquele clube, os homens se abrigam, afinal à sombra da mesma bandeira, da mesma ideologia, não devendo ter pejo de trabalharem em conjunto, abstraindo, como impõe as directrizes de uma colectividade daquela índole, diferenças de ideais religiosos, racionais, políticos e as ultrapassadas escalas sociais.

E, quicá, por não estar nos bons costumes, olvidaram-se princípios básicos democráticos que deviam lembrar a uns quantos o direito de, cada qual, ter opinião diferente da sua (para mais se posta acima de tudo na defesa dos interesses da colectividade) sem que tal autorize ataques eivados de intenções mergulhadas

POLÍTICA — hoje

PARTIDO POPULAR DEMOCRÁTICO

O Partido Popular Democrático levou a efeito no passado sábado, dia 1, um Comício em Aveiro, com a presença de Francisco Sá Carneiro, seu secretário-geral.

PARTIDO SOCIALISTA

O P.S. realiza amanhã um Comício pelas 21 horas, no Pavilhão do Sporting de Espinho, com a presença de Mário Soares e Manuel Alegre.

Além deste grande Comício, hoje, em Rio Meão, às 21,30, levará o P.S. a efeito uma Sessão de Esclarecimento. No dia 14 no Salão da Piscina de Espinho, às 21,30, nova Sessão de Esclarecimento, com a presença de Manuel Alegre. A fre-

guesia de Nogueira de Regedoura receberá elementos do P.S. no dia 15, às 21,30. Finalmente, no dia 16, também a freguesia de Paramos assistirá a uma Sessão de Esclarecimento do P.S. também às 21,30 horas.

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS:

Na passada semana o P.C.P. organizou sessões de esclarecimento na Escola Primária de Silvalde e em Paramos. No seu Centro de Trabalho, à Rua 8, 333, efectuaram-se outras sessões para trabalhadores da Luso-Celuloide, Bancários, Empregados Comerciais e de Hotelaria.

Hoje, às 21,30, na Escola Primária de Idanha-Anta, mais uma Sessão de Esclarecimento do P.C.P., às 21,30 horas.

em segundo sentido e, até, provocadoras.

Por exemplo, houve quem se propusesse fazer «à pressão» o caderno eleitoral cuja falha esteve na base da discrepância aparecida — aliás quem o fez tem folha vasta de serviços em prol das colectividades desta terra e fé-lo com o objectivo de ajudar a resolver, rapidamente, o problema —, mas surgiu logo o ataque à atitude, com a crítica (em lamento poético) que, pessoas assim, não aparecem durante o ano para ajudar.

Certamente, que as acções são muitas vezes ditadas pelas circunstâncias de momento e, se a linha de pensamento não é essa, talvez seja oportuno e curial perguntar-se porque motivo, só agora, surge então tanta gente interessada em dirigir a colectividade quando, no antanho, era preciso andar «ó tio ó tio»? E mais, é crível interrogar, ainda, porque motivo os candidatos a dirigentes, como principais interessados e possíveis futuros responsáveis da colectividade, não estavam identificados com os estatutos tendo, também, sido colhidos de surpresa.

Surge como natural que, antes, se tivessem esclarecido das linhas que pautam a vida do Clube evitando, talvez, a situação que veio a deparar-se, ao alertarem quem a poderia ter evitado.

Não será de perguntar se era preferível eleger, desconhecendo os estatutos

e confiando na boa fé dos presentes — quando afinal se duvidou tanto da boa fé de algumas sugestões — ou aguardar alguns dias, para corrigir anomalias e passar tudo a funcionar direito?

Por fim, choca-nos que a boa fé não possibilitasse uma coligação, se o fito único é servir o Clube.

Enfim, se o aparecimento de mais do que uma lista é sinónimo de vitalidade, de saudável espírito democrático, se é aplaudível mesmo na emergência, por tudo quanto se passou, pomos as nossas dúvidas, lembrando-nos da dimensão do Clube e das dificuldades que, sempre, se depararam para encontrar quem o servisse (e sirva) nos múltiplos sectores.

Confie-se que a política não possa proliferar no desporto, considerando o antagonismo de finalidades, e oxalá que esta onda de academismo seja pura, norteada pelo desejo único e firme de servir o Clube, para a consecução da obra que lhe compete nos campos sócio-cultural e sócio-desportivo ignorando-se credos políticos e religiosos, condições racionais e sociais, fazendo dele o partido único, para o conservar direito: nas estruturas, intenções, finalidades.

Oxalá que impere o bom senso!

CARLOS SARRIA

GENTIL GOMES DA COSTA

MEDIADOR AUTORIZADO

PROPRIEDADES COMPRA · VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO



Centro Fotográfico

Alvaro Nunes de Pinho
Tudo para Fotografia e Cinema
RETRATOS
RELOJOARIA
Rua 8 N.º 645 ESPINHO

Vende-se

Opel Rekord em muito bom estado
e barato
Falar Rua 15 n.º 468 - Telef. 914281

JOAQUIM GOMES PEREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores, Testes, eléctricos e Focagem de faróis.
(Serviço Mobil)
Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO
Residência — Telef. 964194

Vende-se

Mobiliário de Sala de Jantar em
muito bom estado. Pode ser vista
todos os dias na
Rua 25 n.º 468 — ESPINHO

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469
Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS ● ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTÊNCIA

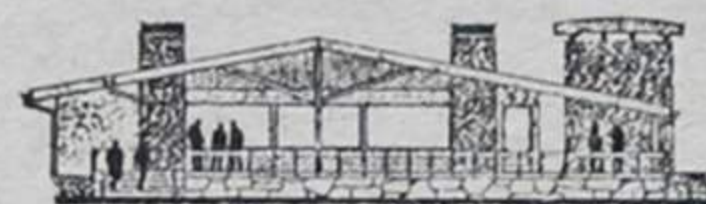


O máximo em qualidade!

Do melhor em apresentação!

O bom gosto e eficiência, são atributos do
relógio «CAMY», a mais preciosa das jóias

Está na hora de acertar: compre «CAMY!»



Restaurante

Snack — Discoteca

C A B A N A

T
E
L.

9 9

2 2

1 1

3 9

2 6

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO espe-
cial para Baptizados, Casamentos e
Confraternizações.

Na Discoteca

Aos domingos — Matinée

Encerrado à terça-feira para descanso
do pessoal

PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o
género de Pintura Artística, Móveis de
Adorno e todo o género de objectos
de decoração.

Armando Alves Ribeiro

Desenhador — Pintor de Arte

Rua 18, n.º 943

— ESPINHO —

Telefone, 921412

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lúrio — ESPINHO

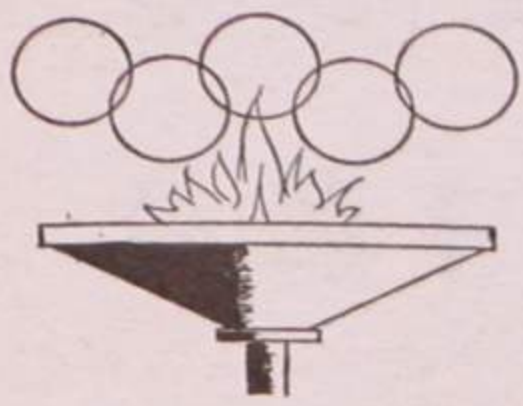
Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561



Quando vir este símbolo
então saberá que pode
contar com um Serviço
Bancário completo.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta



desporto



REPENSAR O DESPORTO

É uma tarefa prioritária repensar o desporto português, o que está a ser estudado pela Direcção Geral dos Desportos, que se funda em dois princípios basilares:

— o desporto como meio de democratização, como meio de intervenção política, subordinado ao processo geral de democratização do País;

— a democratização do desporto, a generalização da prática desportiva a todos os portugueses, como um direito, através da criação das necessárias condições para tal.

Para que estes objectivos possam ser concretizados decidiu a D.G.D. realizar o ENCONTRO NACIONAL DE DESPORTO. Para que possam criar-se comissões legais de representantes de todos os organismos e pessoas, relacionadas ou não com a prática desportiva que pretendem participar nesta arrancada para um DESPORTO DO POVO, a Delegação de Aveiro da D.G.D. promove hoje, pelas 18 horas, no salão nobre da Câmara Municipal de Espinho, uma reunião para debate e tomada de posição.

É de esperar que o alto interesse desta reunião e os objectivos ambiciosos do ENDO promovam uma comparência numerosa e participante de pessoas e entidades, particulares e oficiais, que o ecletismo desportivo espinhense justifica.

F U T E B O L

NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

S. C. Espinho, 1 — Sporting Farense, 0

Ao intervalo: 0—0

MAIS DO QUE JUSTO, CARAMBA!

Jogo no «Avenida», de «pelado» em bom estado, numa tarde primaveril, com razoável assistência e o sr. Ernesto Borrego (Viseu) a apitar com a ajuda de José Gouveia (bancada) e Augusto Prata (peão), e as turmas formando:

ESPINHO: Arménio; Meireles (Augusto, 46 minutos), Washington, Gonçalves e Valdemar; Ferreira da Costa, Acácio e Bené; Gácho, Telé e Malagueta.

Suplentes (também): Jorge, Simplicio, João Carlos e Helder Ernesto.

FARENSE: Benje; Caneira, Lampreia, Almeida e Duarte; Sérgio, Amâncio, Manuel José (Barbosa, 85 minutos) e Xico Zé (Pedro, 80 minutos); Domingos e Faria.

Cartões amarelos: Almeida (12 m.), por agarrar; M. José (28 m.) por mão intencional; Washington (32 m.) por mão rigorosamente considerada intencional.

GOLOS: Aos 81 minutos, Centro de Ferreira da Costa, alívio da defesa farense, sobra para MALAGUETA, domina a bola, dribla, entra na área, ganha posição, mas o esférico foge-lhe para o «pé cego» (direito), porém remata (desajeitadamente) e faz o golo, após a bola esbarrar numa perna (Benje?).

Quem precisava de ganhar era o Espinho. O Farense nem precisava. Daí surgiu tranquilo. E com um propósito evidente: defender-se e esperar uma nesga. Pouco, para o lugar que ocupa. Pouco, para a finalidade do futebol. Os «tigres», que tinham de fazer pela vidinha, traziam outras ideias. E outro atrevimento. Mesmo, por colocarem Meireles a defesa direito. A ordem era ofensiva. Só assim se ganham jogos.

E começou a «dança». Os «tigres» a saltarem felinamente sobre a «presa». Com querer, com garra, com estaleca. Procurando o jogo largo, rápido, objectivo, de bola cá por baixo. Descidas, mais descidas, algumas ocasiões criadas, mas...

Desafinada a pontaria, como de resto a «floresta» algarvia, cá atrás, sem entradas. Defendendo-se, destruindo, de qualquer jeito.

A jogar agradável, mesmo bem durante alguns períodos, os espinhenses não concretizavam. O tempo passa, a necessidade de vencer é grande. O antagonista mantém-se monocordicamente no processo ultra-defensivo. Parecia que o empate era a mira. Só importuna os da casa, quando os caça balanceados lá na frente. Todavia os disparos são tortos ou sem perigo.

Claro, a clareza, o discernimento, começam a embutir, taldados pelo «terror» de deixar fugir a vitória. Baixa o rendimento futebolístico, que não a pressão. Muito menos o querer. Insiste-se, insiste-se. O tento adivinha-se. O golo é merecido. Todavia, a defensiva algarvia, super-povoada, vai dando conta do recado.

E o «insólito» acontece. Faltavam dez minutos. Um momento crucial. Malagueta um esquadro nato, cujo pé direito lhê serve para tudo, menos para chutar, chutou mesmo com ele e deu o triunfo.

Triunfo merecido. A bem do futebol. Seria negá-lo se um Farense super-defensivo, sem ambições, saísse do «Avenida» com um ponto sequer. Seria tremendamente injusto, que o Espinho não vencesse. Pois convenceu. Dominou muito mais. Jogou muito mais. Atacou muito mais. Rematou muito mais. E só nos últimos dez minutos, defendeu a preciosa vantagem.

E renasceu a esperança da fuga à despromoção. E depois de 14 jogos sem ganhar surgiu a vitória. Tónico precioso. Com equipa e público a fazerem as pazes. Com os apologistas de «chicotadas» a recolherem a opinião. Com a confiança a renascer. Com a ideia de que ainda pode ser. Com a certeza de que o Espinho, com outro «atrevimento», talvez estivesse livre de «pesadelos».

Enfim, destaque-se o querer, espírito de luta e brio de todos. Com «medalha de honra» para Telé jogando suturado com 8 pontos (8 pontos? tantos quantos o Espinho precisava!) no interior do lábio, por acidente no treino da véspera. Um bravo para o estoicismo e dignidade profissional do brasileiro, que lutou e jogou bem. Como ele Washington, Gonçalves, Acácio e Ferreira da Costa.

Do Farense já dissemos tudo, mais do que, talvez, mereça quem, com responsabilidades, procura jogar daquela forma, lesando a essência do futebol. Porquê e para quê?

Arbitragem certa, com o senão de

A Assembleia Geral da AAE gerou controvérsia por causa do acto eleitoral

Bastante concorrida (no plano da relatividade e dentro do que era habitual) a Assembleia Geral Ordinária da Académica de Espinho, destinada à apreciação das actividades e contas da gerência-74, como à eleição dos corpos gerentes para 75, e à discussão de assuntos de interesse para a A. A. E.

Presidiu o Arquitecto Jerónimo Reis, secretariado por António Gaio e Eng. Pinto Correia, e, após a leitura do «Relatório e Contas», ressaltaram diversos aspectos a salientar, focados no documento visado ou que dele se podiam concluir: a existência de estatutos ultrapassados; a necessidade dos praticantes participarem mais numa auto-gestão das secções; instalações desportivas a precisarem de ampliação; melhor aproveitamento da sede social; deficiências económicas a criarem condicionalismos; desfazamento associados-clubes, com necessidade de criar motivações de aproximação; a decisão tomada no diferendo de filiação associativa Porto-Aveiro; campismo, uma secção que se limita a renovar e requisitar cartas; pesca desportiva, uma secção que parece estar a caminho de extinção; voleibol, com trabalho apreciável nas secções de iniciação e dos mais jovens, a necessitar de técnicos credenciados e reforma no sector sénior, onde falta mentalidade; hóquei em campo, excelente comportamento disciplinar, trabalho colectivo apreciável em (73-74); para decair 74-75); hóquei em patins, boa tarefa desenvolvida nas «escolas» e camadas jovens, com os seniores a voltarem ao primeiro plano; ginástica, de trabalho a baixar de tom nos últimos dois anos, a que não é alheia a falta da melhor gestão, de técnicos e uma outra dinamização; secção cultural, a repensar as directrizes, para se inserir nas coordenadas sócio-políticas actuais que pretendem cultura para o povo; a falta do conselho geral no Clube.

Entretanto, a AAE teve uma despesa de Esc. 392 037\$80, para uma receita de Esc. 394 142\$70, o que dá um saldo positivo de Esc. 2 104\$40.

O passivo do Clube cifra-se em cerca de 40 contos, sendo de salientar que a Comissão Pró-Ginásio, ainda tem por saldar uma dívida de cerca de 104 mil es-

cudos, relativamente à construção do Pavilhão.

A massa associativa não sofreu flutuações, pois entraram 51 sócios e saíram 44, pelo que existem 609 associados, aos quais se deve acrescentar 287 sócios-praticantes da ginástica. O património do Clube foi enriquecido com cerca de 18 troféus e galhardetes.

O «Relatório e Contas» foi aprovado por aclamação, após alguns pedidos de esclarecimento, com um voto de louvor consignado aos dirigentes e um outro à Imprensa, sobretudo pela maneira como tem seguido a questão do diferendo associativo Porto-Aveiro.

Entrou-se, então, no período para a eleição dos corpos gerentes, tendo-se apresentado duas listas a sufrágio. A priori, surgiu uma proposta no sentido de se conseguir uma coligação, todavia foi derrotada por maioria esmagadora.

Considerando que a eleição não se podia fazer dentro do previsto nos estatutos, sobretudo pela falta de um caderno eleitoral para identificação inequívoca dos sócios com direito a voto, não foi possível estabelecer nenhuma plataforma conciliatória capaz de obviar os inconvenientes surgidos, apesar da boa vontade de uns tantos.

A «luta» pelo «poder» da gerência da AAE estava aberta e, portanto, a massa associativa (por determinação pertinente e correcta) do Presidente da Assembleia Geral, Arquitecto Jerónimo Reis, viu o acto adiado por oito dias, de molde a ser cumprido quanto os estatutos determinam, para a eleição se fazer dentro da mais perfeita legalidade.

De salientar que alguns elementos da Direcção cessante não queriam prosseguir por mais oito dias, devido à falta de fundos para solucionar alguns problemas inadiáveis e o Arquitecto Jerónimo Reis (uma vez mais), mostrando todo o seu acrisolado afecto a uma colectividade da qual é grande responsável, prontificou-se a garantir a verba para o efeito.

A hora de sair esta edição, certamente que a AAE já resolveu (ontem) o problema eleitoral e, portanto, no próximo número, daremos relato do acontecimento.

C. S.

CARTAZ

FUTEBOL

Triunfo rotundo (12-2) dos Juniores do SCE sobre o Cesarense para o «regional» (2.ª Divisão).

★

Em prova idêntica, os juvenis do SCE bateram o Anadia por 1-0.

★

Mas, os iniciados do SCE, apesar de comandantes, saíram vencidos em Aveiro, pelo Beira-Mar (5-2).

VOLEIBOL

No «Nacional» da 1.ª Divisão (seniores) o SCE foi ganhar ao Esmoriz e ao Avintes por 3-2, sendo 3.º classificado.

★

No «regional» de juniores, venceu o SCE o CDUP por 3-1.

FUTEBOLISTAS VETERANOS

Na próxima terça-feira, 11, realiza-se em Arcozelo um encontro de futebol entre a Velha Guarda do Sporting Clube de Espinho e a do Futebol Clube do Porto. Os veteranos espinhenses deverão comparecer pelas 14 horas daquele dia junto à sede do S. C. E.

Em juvenis, a AAE foi perder com o Atlântico da Madalena por 3-0.

★

Todavia em iniciados, o triunfo sorriu à AAE, ao vencer o Fiães por 3-1.

★

No «nacional» feminino (2.ª Divisão) o SCE ganhou ao Esmoriz (lá) por 3-2, enquanto a AAE perdeu (cá) com o Nuno Alvares por 3-0.

★

Para o «nacional» da 2.ª divisão, vitória da AAE em Santo Tirso, contra o Ginásio, por 3-0.

HÓQUEI EM CAMPO

Empate a «zero» entre a AAE e Sport (seniores) para o «regional».

Em «reservas», o Futebol Clube do Porto bateu a AAE por 3-1, para igual torneio.

C. S.

FALANDO DE TEATRO

Parece-nos necessário esclarecer, ou melhor, aclarar determinados pontos sobre Teatro. E isto porquê?

Em primeiro lugar porque a maioria do povo português esteve desligada durante 48 anos de todas as formas de expressão cultural, na sequência duma política obscurantista e repressiva dum regime que defendia não os interesses do povo, mas sim os dos grandes monopolistas e latifundiários.

Em segundo lugar porque aquela percentagem da população que viu Teatro, viu na maioria dos casos uma arte desfigurada, balofa, sem sentido, ingerindo em doses industriais montes de pseudo-comédias a tender para o pornográfico e outros sub-productos, baluartes incontestados da odiosa ideologia fascista. Em terceiro lugar porque aqueles grupos que tentaram fazer um Teatro activo e verdadeiro (caso de «Os Bonecreiros», «Cornucópia», «Comuna», «Grupo 4», «Atlético de Campolide», etc.), foram isolados, sendo impedidos de levar Teatro, na verdadeira acepção da palavra, àqueles mais dele necessitados, vendo a sua obra manietada pela censura e apresentada apenas nas grandes cidades perante um público restrito, menos necessitado de ser consciencializado.

Com o 25 de Abril surgem grandes hipóteses para a divulgação e criação dum Teatro Popular, activo e esclarecedor, já que o clima de liberdade assim o permite e porque é

importante empregar as forças culturais numa tentativa de despertar para as realidades um povo adormecido numa total ignorância daquilo que o rodeia. E é aqui que surge o papel dos grupos de Teatro-amador, agora com a oportunidade de criarem um verdadeiro Teatro que corresponda às necessidades do país.

Com isto não se quer significar que o Teatro profissional não tenha valor. Antes pelo contrário, pretende-se que o Teatro, amador e profissional, se unam nesta obra de divulgação cultural ao serviço do povo.

Existem grupos profissionais que o fazem, tentando libertar-se do controlo económico e ideológico dos monopólios que insistem em apresentar ao público obras de índice artístico e ideológico bastante baixo, apenas com o intuito de obter o maior volume de lucros possível.

Quanto aos grupos amadores, a sua dependência económica é mínima, já que o Teatro não é para eles um meio de subsistência, mas sim um complemento importante da sua participação no processo democrático em curso, podendo realizar aquilo que pretenderem, apenas com as limitações inerentes à sua natureza de grupo amador.

E será de grupos amadores, ou melhor, dum grupo de Teatro de Espinho que falaremos na próxima semana.

C. G.

Cinema



TOMAR EM ATENÇÃO

PIPI NOS MARES DO SUL — Realização de Olle Hellpon que começa por recordar com o fim de lembrar a todas as crianças e adultos que o possam ir ver para o fazerem na certeza de que os adultos encontrarão na irrealidade do mesmo algo de perdido e muitas vezes recalcado.

Quanto às crianças, encontrarão o seu mundo. Talvez não o real mas pelo menos o seu mundo imaginário.

No entanto e quanto a filmes esta semana ainda nos dá a possibilidade de no domingo e segunda feira (no Casino) vermos o filme.

CERIMÓNIA SOLENE — Realização de Nagisa Oshima. Filme japonês, logo duma cinematografia pouco divulgada e distante, culturalmente, (isto é: com diferentes valores morais e políticos, porque resultado de outras condições socio-económicas assim como diferentes maneiras de utilizar a linguagem cinematográfica) de nós, faz com que a sua leitura apresente dificuldades.

Será isto razão para o não irmos ver? Por mim acho que não, pois se nos queremos familiarizar com uma cinematografia que nos é estranha mas que é das mais ricas (esteticamente, ideologicamente, etc.), temos que começar por algum lado. Como ajuda transcrevo do Cinéfilo n.º 27:

«O projecto de Oshima é nada menos do que traçar um panorama simbólico da história do Japão nos últimos 25 anos.

Projecto ambicioso, complexo, que, através do ritual de diversas cerimónias familiares tradicionais, consegue evocar, de uma maneira crítica e intransigente, os acontecimentos marcantes da vida social e política do Japão.»

Para finalizar teremos na terça-feira também no Casino a possibilidade de vermos um dos filmes do chamado Cinema Novo Português:

PERDIDO POR CEM — Realização de António Pedro Vasconcelos.

Filme discutível com ambiguidades que era forçoso que existissem se se queria passar pela censura do antigo regime, tem quanto a mim pelo menos o valor de tentar no pobre panorama cinematográfico português criar uma nova maneira de fazer cinema, mais actuante e ligado aos problemas dos portugueses.

Muitas vezes e será dos defeitos do chamado cinema novo (pelo menos a ajuizar pelos filmes que vi), esses problemas dos portugueses circunscrevem-se aos portugueses (burguesia), que vivem em Lisboa. Teremos de lembrar aos novos realizadores a verdade tão repetida de que Lisboa não é Portugal? Ou será que a sua condição e o seu desconhecimento da realidade portuguesa (exterior a Lisboa) os impede de a passar para imagens?

Um das soluções seria a criação de pequenos centros cinematográficos (com material de filmagem e exibição) nos clu-

LUSITÂNIA, 26-74

GARDEN-PARTY — (Conversas no ar)

«...do de clínica geral para o cardiologista, do cardiologista para o radiologista, do radiologista para o ortopedista, do ortopedista para...»

«...não há tanta fome como se diz...»

«...Chia-Chiang autêntico. Século 16. Baratíssimo...»

«...o dentista, do dentista para o ginecologista, do ginecologista...»

«...por agora não pensamos em restaurar a monarquia...»

«...árvore de cames, válvulas à cabeça...»

«...para o analista, do analista para o de recuperação...»

«...podíamos combinar encontrar-nos num restaurantezinho italiano que conheço e depois íamos ao meu apartamento onde tenho uma linda colecção de gravuras chinesas que tenho a certeza de que vai gostar...»

«...o título foi comprado com o dinheiro que ele ganhou a vender armas...»

«...do de recuperação para o radiologista, do...»

«...o segredo de Fátima é a penitência...»

«...aquele rei, de Roma, parece, que tinha a mania de fazer versos e incendiar as cidades e que tem nome de cão, parece...»

«...o nosso técnico foi SS-Obersturmfuehrer mas ele não gosta que...»

«...uma dor fina que começa no cotovelo sobe para o

pescoço desce pelas costas torna a subir para...»

«...radiologista para o cardiologista, do cardiologista para o ginecologista...»

«...trás, trás e pimba, era uma vez um leão...»

«...depois ela disse que ia se ele fosse mas ele disse que não ia e ela voltou a dizer que ia e ele que fosse e ela que já não ia e ele...»

«...aquele que pintou aquilo que vimos naquele museu onde fomos naquele dia que por estar a chover não pudemos ir às compras...»

«...do ginecologista para o de recuperação, do de recuperação...»

«...meia dúzia de ovos, claras em castelo, meio quarto de farinha...»

«...vestido de organza com florinhas...»

«...mas foi o próprio ministro que deu a palavra de honra...»

«...se em Angola os pretos não trabalham quem é que há-de trabalhar?...»

«...para o analista...»

«...bicho a quarteio, meti a sesgo, o ferro...»

«...do analista para o de clínica geral...»

«...então o outro saiu do guarda-vestidos...»

«...e tudo duzentos contos...»

«...o papá já disse é que é a favor do lucro...»

E. C.

bes recreativos, escolas, sindicatos, etc. Esta é uma outra história, por hoje fiquemos com o que A. Pedro Vasconcelos diz a propósito do seu filme (O Comércio do Porto de 25-5-1973):

«Perdido por cem... é, modestamente, a minha viagem ao fim da noite da adolescência. Nunca soube muito bem para onde ia. Como um sonâmbulo que sabe, no entanto, evitar os obstáculos. Queria fazer, em todo o caso, um filme onde o risco fosse total, e ainda hoje creio que não se possa dizer que é uma «história» nem o que são os «personagens», se é que uma ou outra existem realmente. Quis, desde o princípio, reagir contra certas ideias feitas e certos lugares comuns sobre o que seja um «argumento», a «planificação», os «diálogos» e a «interpretação», que fazem do cinema uma ciência à parte. Não quis fazer um filme «moderno», nem um filme sobre a juventude, apesar de dois jovens do filme não terem mais de 20 anos. Se é possível, como diz Truffaut, definir todos os filmes interessantes numa palavra, eu suponha, a princípio, que, no caso do meu

filme ser um deles, se deveria dizer que se tratava de um filme sobre a «renúncia» que é, para mim, o contrário da resignação. Hoje, o filme pronto, sei que não é disso que se trata, mas também não me atreveria a defini-lo por outra palavra. Pensei nos «Filhos da Noite» do Nicolas Ray, de que tenho uma recordação longínqua e muito forte, mas, ao mesmo tempo, evitei tudo o que pudesse comover o espectador. Não quis, sobretudo, fazer um filme «desenvolto», apesar dos 16 mm e do som directo serem uma fácil tentação. Pensei sempre, pelo contrário, num filme enquadrado à americana, sem afecção, onde os actores e o «décor» tivessem a mesma importância, mas sem a aparência de estar a contar uma história. Trata-se de um filme reconstituído por uma memória fictícia, com o qual julgo arrumar as contas com os fantasmas da minha adolescência e onde descubro, graças ao cinema, que a noite, afinal, não é mais do que o diafragma fechado e a morte, a película que chega ao fim.

A. C.

SEMANÁRIO
AVENÇADO

Camara Municipal do Espinho
Rua -17
ESPINHO